

# CAMPOS DE PROBLEMATIZAÇÃO MORAL DO JOVEM

Maria Aparecida Mamede-Neves; Celso Wilmer; Stella M. P. de Azevedo Pedrosa

---

**RESUMO** – O artigo discute valores e problemas da juventude atual apontados por jovens universitários, tomando como base as formulações teóricas de J. Puig sobre a formação da personalidade moral e, mais particularmente, os “campos de problematização moral”. O artigo se detém também, mais profundamente, nas relações entre desemprego e auto-estima, nos termos propostos pela psicologia de K. Lewin.

**UNITERMOS:** Construção do juízo moral. Campo de problematização moral. Juventude.

A idéia de uma possível desarticulação entre o mundo em que vivemos, pleno de informações e recursos tecnológicos, e a pobreza de comunicação entre os jovens de hoje tem sido apontada por muitos profissionais de educação. Para esses especialistas, haveria, nos jovens desse contexto, a construção de uma mentalidade predominantemente forjada nos princípios do ambiente pós-moderno, no qual basicamente, entre o homem e o mundo, estão principalmente os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, da simulação, da predominância do virtual, que não apenas informam sobre o mundo, mas e principalmente o refazem, hiper-realizando-o, transformando-o num espetáculo. Esse ambiente, reflexo do momento histórico em que se vive, deixaria sua marca nas possíveis formas de construção dos valores éticos e do juízo moral da juventude atual, forjando toda uma mentalidade

individualista e egocêntrica nos jovens e que, de certa forma, reflete o modo de pensar e de viver de suas famílias<sup>1</sup>.

No período comumente chamado de “pós-modernidade”, parece predominar a idéia de que matéria e espírito se perdem em imagens, em dígitos, dentro de um fluxo acelerado, o que seria visto como um afastamento da realidade como referência e a dessubstancialização do sujeito, trazendo, como conseqüência, a degradação da realidade em fantasia e a perda da constituição interior do sujeito, que se mostra, portanto, vazio. Visto de outro ângulo, nesta era, marcada pela digitalização, os signos pedem escolha binária, na qual a decisão que impera não é uma decisão profunda, existencial, mas uma resposta na qual subjaz o “pensamento prático”, nos termos propostos por Freud<sup>2</sup> e muito bem comentados por Rouanet<sup>3</sup>; ou seja, uma resposta rápida, impulsiva, condizente com a

---

Maria Aparecida Mamede-Neves - Prof. Titular Dep. Educação PUC-Rio. Psicopedagoga CEPERJ. Celso Wilmer - Prof. Dr. Dep. Artes PUC-Rio. Stella M. P. de Azevedo Pedrosa - Doutoranda em Educação PUC-Rio.

---

Correspondência  
Praça Adv. Heleno Cláudio Fragoso, 04 - apto. 504  
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ - 22793-078  
e-mail: apmamede@edu.puc-rio.br

predominância do consumo vigente, com predomínio do princípio (freudiano) do prazer.

Assim sendo, surge uma questão primordial em termos de desenvolvimento sociocultural, cidadania, ética e valores: será que a excelência buscada hoje como condição indispensável para o sucesso profissional tem sido acompanhada de uma correspondente excelência no plano ético, de modo a que toda essa conquista intelectual faça por merecer, de forma consciente, responsável e moralmente autônoma, ocupar seu lugar de liderança na sociedade?

Não há dúvida de que a construção do juízo moral indispensável à construção da cidadania constitui-se numa das mais complexas aprendizagens para o ser humano. E, de igual modo, é certo que, como dissemos acima, no momento atual, tem sido grande a preocupação de alguns pensadores sobre que valores e condutas éticas estão prevalecendo no final deste século, havendo todo um movimento de revisão de posições e a preocupação de como as pessoas estão se posicionando, principalmente os jovens, em relação a temas com a justiça, a verdade, o bem-estar de si e de seus semelhantes, etc.

Por outro lado, sabe-se também que este tema nem sempre tem merecido, pelo menos no Brasil, a devida atenção nem no campo da formação de profissionais, que permanece mais preocupado em se dedicar a (re)formulações curriculares que tratem de conteúdos específicos e alcancem o desenvolvimento de habilidades que sejam úteis, principalmente, ao campo tecnológico, nem no campo da Psicopedagogia. Daí, portanto, ter-se considerado altamente pertinente trazer aqui algumas considerações que emergiram ao longo do desenvolvimento de uma investigação que realizamos, na qual se pensou sobre a prática moral estabelecida dentro de uma cultura e que pretendeu entender um pouco melhor como a moral e o desenvolvimento de valores éticos estão sendo traduzidos dentro dela<sup>1</sup>.

Nosso ponto de partida foi a obra *O juízo moral na criança*<sup>4</sup>, de Jean Piaget, publicado pela primeira vez em 1932, e que serviu de base para os fundamentos de nossa pesquisa, principalmente porque, nos últimos anos, sua re-leitura tem sido fonte de novas interpretações e levam a um enriquecimento conceitual do desenvolvimento moral.

Mais particularmente, partimos da questão de Levy-Bruhl, apontada por Yves de la Taille, no prefácio à edição brasileira (1994, p.11 e 12) dessa mesma obra de Piaget, sobre "de onde vêm os discursos morais que influenciam os homens", enfatizando que "as teorias que se tecem sobre o assunto não nascem da reflexão pura e isolada de um pensador que, na verdade, pensa sobre a prática moral já estabelecida, apenas lhe conferindo coerência". Desse modo, trazendo à tona a própria idéia de Piaget, Yves de la Taille afirma que "primeiro está a ação, depois a tomada de consciência desta abstração, que, aliás, pode muito bem ser crítica, mas que tem necessariamente por base a prática vigente... devendo pensar o homem datado historicamente e situado geográfica e culturalmente". Concordando com La Taille, tínhamos consciência de que as diferenças sociais introduzem rupturas na sociedade como um todo e que, além de suas dimensões políticas, econômicas e jurídicas, se manifestam através do funcionamento psicológico dos membros dos distintos grupos sociais que vivem em mundos sociológica e topograficamente afastados. Esta posição não exclui a idéia de que o funcionamento de uma democracia implica na aceitação, por parte dos cidadãos, de certos princípios morais comuns a toda a nação e uma compreensão adequada da universalidade dos ditos princípios.

De acordo, portanto, com os propósitos da investigação, o grupo estudado<sup>5</sup> foi composto de jovens universitários da PUC-Rio, matriculados nos diferentes Centros e principais

<sup>1</sup> Todos os dados da pesquisa que serve de base a este artigo podem ser consultados na obra de Mamede-Neves, MAC. *A construção do juízo moral em grupos de jovens pertencentes a "sociedades emergentes": um estudo na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001, relatório de pesquisa CNPq.*

Departamentos dessa universidade, que responderam à sondagem relativa aos valores e problemas da juventude atual.

Os jovens foram consultados através de um pequeno questionário entregue a todos os alunos da PUC-Rio (na época num total de 10.242 alunos), apensado à folha de matrícula, no primeiro semestre. O questionário apresentava duas perguntas centrais: "Para você, quais são os principais valores da juventude hoje? Que problemas você acha que os jovens enfrentam hoje, no seu dia-a-dia?", tratando de deixar bem claro qual era a significação que se dava à palavra *valor*. Foram 1202 os jovens universitários que atenderam à pesquisa, o que representou um contingente de 11,73% de respostas em relação ao número total de alunos da PUC-Rio, na matrícula do primeiro semestre de 1999, resultado considerado bastante significativo quando se está tratando de uma pesquisa exploratória. Dos alunos que responderam ao questionário, 68,7% estavam em idade entre 18 e 22 anos, dado esse que era compatível com as informações relativas ao universo de alunos da PUC-Rio na época da aplicação do questionário, representando, portanto, exatamente o segmento de jovens que estávamos querendo ouvir<sup>ii</sup>.

#### **OS VALORES E OS PROBLEMAS APONTADOS PELOS JOVENS**

Todas as respostas dadas pelos alunos, quer relativas aos valores apontados, quer relativas aos problemas levantados, foram classificadas tomando-se como base as premissas teóricas de J. Bleger<sup>6</sup>, segundo estivessem as respostas a elas referentes mais pertinentes respectivamente ao campo individual; ao campo das relações interpessoais; ao campo socio-contextual; ao campo dos valores planetários e, finalmente, ao campo dos valores universais.

Tomando-se, para apreciação, o campo total de respostas dadas, tanto relativas aos valores que os jovens de hoje apresentam, quanto aos problemas, destacamos a semelhança dos resultados na sua tendência geral, no sentido de uma preponderância da dimensão social, sendo que, no que se refere aos problemas, essa categoria se acentua ainda mais.

Em relação ao total de respostas dadas sobre os *valores* que os jovens de hoje teriam, verificamos que, como *valor primordial*, 55% dos alunos da PUC-Rio que responderam ao questionário colocaram os valores ligados ao campo social; 18,2%, valores universais; 11,9%, valores ligados ao campo individual; 10,5% ao campo das relações interpessoais e 4,3%, valores ligados ao planeta terra. Na pontuação dos problemas, a dimensão social, que era apontada em 55% das respostas quanto aos valores em primeira opção, subia para 82,3% quando se tratava de apontar os problemas atuais.

Assim sendo, vimos a extrema importância de fazermos um estudo qualitativo daquela imensa gama de valores e problemas apontados pelo grupo, agora se levando em conta todas as respostas dadas, nas três opções que foram pedidas, o que abriu a possibilidade de se ter uma nova distribuição percentual de valores e problemas.

#### **A RELAÇÃO ENTRE VALORES E PROBLEMAS<sup>iii</sup>**

Logo de início, frente aos dados colhidos, verificamos que, considerados conjuntamente, os valores e os problemas apontados pelos jovens iam muito além de uma simples lista de opiniões. Analisadas qualitativamente, no detalhe das temáticas e dos argumentos encontrados nos depoimentos colhidos, as respostas configuravam um espaço de noções, de preocupações e de vivências socio-morais que nos fazia aproximar

<sup>ii</sup> Uma réplica desta pesquisa foi feita por Celso Wilmer em 2001, obtendo resultados homólogos à primeira.

<sup>iii</sup> Esta parte do artigo se refere ao trabalho de Mamede-Neves, MAC, Vidal, F. e Wilmer, C. *Problemas e valores na formação dos "campos de problematização moral"*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003 (no prelo)

da problemática da identidade e da socialização moral do jovem. No cerne delas, parecia estar a percepção generalizada de crise de valores, um clima caracterizado pelo desencontro ou pela coexistência conflituosa daquilo que é desejado e desejável. A análise qualitativa dos depoimentos realçava a dificuldade de encarar a multiplicidade de opções socio-morais disponíveis e delineava diferentes articulações entre os problemas e os valores, além do fato de que o conceito de "valor" adotado por nossos respondentes, correspondia a um largo espectro de interpretações.

Quanto ao primeiro ponto, apesar do questionário trazer uma explicação para o que nele se entendia por "valor", nas respostas dadas, o conceito de valor assumiu múltiplas feições. "Valor" foi considerado não só como aquilo que é diretamente vinculado às noções do *bom*, *desejável* e *valioso*, ou aos conceitos de *obrigação* e *dever*, mas também em termos das metas de âmbito geral, formuladas como motivações e de traços de caráter que se relacionam com ação do sujeito: a sua vontade, persistência, consciência, determinação, integridade. Quanto ao segundo ponto, foi perceptível uma correspondência entre os valores mais apontados e os problemas também mais identificados como do jovem.

Surgia, portanto, a necessidade de tomarmos algum conceito estruturador dessas duas entidades, valor e problema, fazendo-nos pensar que, possivelmente, estávamos tendo em mão dados que expressavam empiricamente aquilo que Puig<sup>7</sup>, autor que vem da tradição da escola de Genebra, formulou como "campo de problematização moral". Ao concluir suas considerações sobre a construção da personalidade moral, Puig diz que o campo de problematização moral seria o conjunto de conteúdos e problemas do âmbito da vida do sujeito que se articulam com os valores morais; espaços sociais de reflexão e ação moral nos quais se produz certa quantidade de saber normativo

ou guias de valor que norteiam o comportamento. Nesse sentido, a consciência moral, ainda segundo Puig, nessa mesma obra, seria um instrumento de trabalho, uma oficina onde se forja a deliberação moral; seria como uma caixa de ferramentas psicológicas (que logicamente precisará da ajuda de ferramentas culturais) com as quais se opera sobre os problemas.

Esses procedimentos da consciência moral, quais sejam - conhecimento (desdobrado em: autoconhecimento e conhecimento dos outros); pensamento (juízo moral, compreensão crítica, disposições para a comunicação e o diálogo); sentimento (capacidades emocionais e de sensibilidade); atuação (auto-regulação) - seriam instrumentos psicológicos úteis para analisar os problemas morais, encarar os dilemas que apresentam, planejar vias de otimização da realidade, avaliar as conseqüências de cada opção proposta, decidir da melhor forma possível uma solução e, enfim, pô-la em prática.

Consideramos como Puig que os valores morais são categorias que nascem no seio da vivência do sujeito no mundo e somente neste campo pode construir o significado dos valores e, nesse sentido, a interação dialógica seria o mecanismo central de formação de juízos de valor. Assim sendo, não temos dúvida de que as considerações de Puig acima apontadas são de extrema relevância não só para o tema em estudo, mas, sobretudo para o campo da Psicopedagogia; por isso, achamos importante aqui abrirmos um espaço, para inserir suas idéias sobre a autonomia, já que, somente pela capacidade de exercer a autonomia, o sujeito pode discordar, aquiescer, negociar e por-se de acordo.

Segundo a releitura de Vidal da obra de Puig<sup>iv</sup>, a autonomia não é inerente ao homem, é uma questão de atitude. É uma posição do sujeito, posição essa que tem a ver com a relação entre o próprio sujeito e a construção das regras. Ora, se considerássemos que as regras vêm de fora e se não tivéssemos a possibilidade de mudá-las, então não seríamos autônomos.

<sup>iv</sup> VIDAL, F. em comunicação pessoal, 2002

Mas, para nós, a autonomia não significa poder fazer qualquer coisa, significa que as regras são negociáveis, o que não é a mesma coisa. A autonomia não é isolamento dos outros, não é individual, é social; e mesmo que seja individual, tem a ver com a relação com as regras, com a comunidade e com a possibilidade de entrar numa relação dialógica. Assim sendo, analisar os diversos tipos de articulações que encontramos entre valores e problemas dentro das respostas dadas pelos jovens da pesquisa nos parece essencial.

No detalhe da distribuição dos valores apontados, observamos a predominância do valor *economia* e *trabalho*; seguindo, em terceiro lugar, valores de tipo mais pessoal (relações afetivas, felicidade, "estética" e sucesso – essas últimas duas categorias freqüentemente apresentadas numa visão crítica). Esta aparente "mistura" que se apresenta no quadro dos três principais valores apontados, dentre o que pertenceria primordialmente ao âmago da sociedade e ao âmago do sujeito, expressa muito bem o que Habermas<sup>8</sup> mostra, ou seja, que o sistema social e o mundo vivido pelo sujeito, longe de se complementarem, muitas vezes entram em choque. O mundo vivido, regido pela razão comunicativa, fica ameaçado em sua sobrevivência pela interferência da razão instrumental, se anexando ao mundo vivido a razão instrumental, tecnocrática.

Ao examinarmos a distribuição dos problemas apontados por esse mesmo grupo, esta idéia se ratifica mais ainda. É bastante elucidativo perceber, por exemplo, que o lugar do *trabalho* e da *economia* entre os valores – ou seja, a preocupação com conseguir condições para ter uma situação financeira estável – é correlativa aos problemas apontados, quais sejam: *economia*, *incerteza*; *falta de motivação*, às vezes *atribuída à falta de perspectivas e de confiança no jovem*; *desemprego* e *falta de trabalho*.

E são, exatamente alguns desses exemplos expressivos das articulações "misturadas" que acabam por definir a forma e os conteúdos dos campos de problematização moral. Se não vejamos:

A estrutura interna dos valores analisados tendeu a exibir uma variabilidade considerável, na qual a mistura de níveis é característica, como, por exemplo: um aluno de Psicologia, de 19 anos, aponta *igualdade*, *liberdade*, *astúcia*, certamente valores de níveis diferentes; um outro, do ciclo básico do Centro de Ciências e Tecnologia, apontou *dinheiro*, *sinceridade*, *sentimento*, mostrando também a mistura de níveis. Outro bom exemplo desta "invasão" do mundo do sistema no espaço do mundo vivido pode ser visto na resposta de um jovem, na qual o conjunto *drogas* e *violência* (problemas preponderantes segundo um grupo de respostas obtidas) e *desigualdade social*, *preocupações financeiras e de sobrevivência material* apontam o âmbito econômico-social como o mais significativo ponto do campo de problematização moral.

No que diz respeito à estrutura interna dos problemas, também foram comuns as respostas que expressavam a invasão do sistema no campo do mundo vivido. Foram inúmeras as respostas que representaram variações do tripé *drogas*, *violência*, *problemas financeiros*, ou *violência urbana*, *fome*, *desemprego*. É interessante trazermos o depoimento de um aluno de Economia, de 20 anos, que, mais explicitamente, aponta, em relação à estrutura interna mencionada, uma seqüência causal: *A falta de auto-estima provocada pelo desemprego*, *violência e desligamento com a família*; *o stress*, *as agendas lotadas de tarefas e atividades* e *a falta de tempo para pensar na própria vida*.

Finalmente, uma figura importante da articulação valor-problema encontrada foi a crítica, através da qual o sujeito que responde afirma sua idéia do que é o valor genuíno. Por exemplo:

Valor: *dinheiro*, *beleza*, *diversão* - Problema: *falta de ética*, *a incerteza e/ou inexistência de padrões morais coerentes e sólidos*.

Como se pode constatar, todos os exemplos acima nos fazem retornar às considerações de Puig – nosso ponto de partida - quando diz que "*a personalidade moral não pode ficar sem um conjunto de aquisições procedimentais*. Referimo-nos à

*formação daquelas capacidades pessoais de julgamento, compreensão ou auto-regulação que permitirão o enfrentamento autônomo com os conflitos de valor e as controvérsias não-resolvidas que perpassam a vida das pessoas e dos grupos de sociedades abertas, plurais e democráticas.... A construção da personalidade moral conclui com a construção da própria biografia como cristalização dinâmica de valores, como espaço de diferenciação e de criatividade moral."*(p. 75)

### **TRABALHO, DESEMPREGO E AUTO-ESTIMA<sup>v</sup>**

Tendo em vista que, no nosso trabalho investigativo, a imbricação de idéias sobre trabalho, desemprego<sup>9</sup> e auto-estima emergiu com muita significação, parece ser interessante nos determos mais nela e, para tal, voltamos ao ponto de vista de Bleger sobre o indivíduo - indivíduo conceitual esse que nos mostra forte relação com a experiência concreta.

Perguntemo-nos primeiro, seguindo o esquema inicial de Bleger, quem estaria inserido no nível dos valores ligados ao campo individual, no nível da "relação do indivíduo consigo próprio"? Ou seja, seria de fato a relação de algo consigo mesmo? E sendo, que instância estaria relacionada assim?

Consideramos que cada indivíduo, na sua relação com o mundo, engendra em seu espaço psíquico uma *representação de si-no-mundo*; ou uma "representação de si no meio", como adota Puig, quando formula os campos de problematização moral, de que falamos no início deste artigo.

Essa representação de si-no-mundo é, enquanto espaço psíquico, muito semelhante ao mundo físico-social com o qual o indivíduo está interagindo, que é a base daquilo que é representado no indivíduo. Pensamos que tal estruturação seguiria a linha conceitual proposta por Kurt Lewin<sup>10</sup>, sob a forma de uma

correspondência topológica, quer dizer, uma correspondência bi-contínua (um homeomorfismo, como é chamado) entre esses dois espaços topológicos: a realidade exterior do indivíduo e a representação de si-no-mundo. Assim, haveria em termos psicossociais, uma correspondência topológica entre o exterior e o interior do indivíduo; enquanto, em termos puramente psíquicos, uma outra correspondência, entre o passado de uma representação de si-no-mundo e a memória dessa representação no presente.

Esta outra correspondência topológica (entre passado e presente) é também relevante porque ela ajuda a explicar porque a *valência* de certos objetos interiores atua no momento presente, deformando essa representação de si-no-mundo. O homeomorfismo de tipo Lewiniano – entre a realidade físico-social e a representação psíquica – estabelece uma ligação que está sujeita a distorções, ou deformações, devido à valência dos objetos internos no momento da representação.

Tomemos como exemplo uma gravura do artista gráfico M. C. Escher, *Balcony*, que representa, em destaque, um balcão ou em varanda topologicamente deformada ("inchada" como uma bolha), em meio a outras varandas e janelas não-deformadas. Para nosso propósito, esse balcão deformado ilustra a valência que certos elementos da realidade exterior recebem devido à individualidade do processo de percepção e representação psíquica. Ou seja, essa deformação do balcão original (que tem, é claro, linhas retas) se põe como representativo da presença de uma pessoa querida que teria vivido uma cena de amor com o observador, nesse mesmo balcão.

Graças à inventividade e arte de Escher, dispomos de uma visualização muito clara do processo que chamamos de *representação de si-no-mundo* – uma cena presente distorcida pelas valências do passado, por assim dizer. E também uma visualização para essa entidade psicossocial, o *si-no-mundo*, a parte do

<sup>v</sup> Esta parte do artigo foi extraída da obra de WILMER, C. *Trabalho e desemprego: uma tentativa de entendimento*, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. Tese de Doutorado em Educação.

indivíduo que interage com o ambiente, ou realidade exterior do indivíduo. Tomemos, para tal, outra gravura de Escher – *Print Gallery* – que mostra uma galeria de arte na qual um indivíduo, um jovem, observa atentamente uma gravura cujas linhas, ao transbordarem dos limites da tela, vêm de fato a envolver o observador, tornando-o parte daquilo que se observa. Desse modo, a gravura ilustra o fato de que o *si-no-mundo* – a parte do sujeito que está em contato com o exterior – não pode ser separada dicotomicamente dessa realidade, já que, na verdade, ela também o inclui. Isso explica essa singularidade da relação do indivíduo com a sociedade.

Assim sendo, sob essa ótica, temos, portanto, uma instância de natureza psíquica (representação de *si-no-mundo*) e outra de natureza psicossociofísica (*si-no-mundo*). Estas duas instâncias estão em relação permanente, trocando informações: as experiências do sujeito social, o *si-no-mundo*, passam para a representação de *si-no-mundo*, e reciprocamente, dessa representação parte a informação, o “comando” que o sujeito buscará satisfazer (ou “reproduzir” - para facilitar uma comparação com o processo inverso, da representação). Essa relação entre o *si-no-mundo* e a representação de *si-no-mundo* – em particular, em relação aos aspectos da vida social ligados ao trabalho na sociedade - é o que entendemos por *auto-interesse*.

O *auto-interesse* é, seguindo as falas dos jovens, o sentimento de querer “melhorar de condição” junto com os seus, o que inclui uma dimensão ainda “mais além” nesse afastamento do egoísmo, na qual a “simpatia” e o “comprometimento” são vistos como aspectos igualmente contidos na idéia de *auto-interesse* – por se coadunarem, melhor com uma reflexão moderna sobre as necessidades da vida democrática.

O que pudemos apreciar, da análise empírica que fizemos, foi que a realização concreta do *auto-interesse* parece aumentar a quantidade de relações no mundo vivido. É claro que esta afirmação é apenas um outro “apontamento teórico”, não um fato que possa ser chamado de

“cientificamente comprovado”, mas é a isso que a reunião desses indicadores isolados que mencionamos conduzem.

Consideramos que o nível da “relação do indivíduo consigo mesmo” do esquema de Bleger, que serviu de pano de fundo para a categorização das respostas dos jovens, pode ser interpretado, dessa forma, como o nível do que estamos chamando de *auto-interesse*.

Saltando o nível das relações intersubjetivas do indivíduo, para considerarmos o nível da relação desse indivíduo com a sociedade, podemos perguntar: Como é essa relação? Da parte do indivíduo, a instância que se relaciona com a sociedade e o mundo físico é o *si-no-mundo*; a representação de *si-no-mundo* apenas espelha, com as distorções que individualizam cada pessoa, essa relação do *si-no-mundo* com a realidade exterior (que o inclui - como temos pontuado). Da parte da sociedade, é uma sociedade “mais ou menos democrática” na qual o indivíduo está inserido em uma trama de relações intersubjetivas envolvendo ações diversas. A relação do indivíduo com essa sociedade de cuja trama existencial ele faz parte é o que entendemos por *cidadania*.

Assim, o que estamos propondo é que existe uma correspondência envolvendo: externamente, a relação do indivíduo *si-no-mundo* com a sociedade, o grau de cidadania vivido por ele; e internamente, o *auto-interesse*, que é a relação do *si-no-mundo* com a representação de *si-no-mundo*. Desse modo, por exemplo, a um aumento no grau de cidadania vivenciado por um indivíduo deve corresponder um aumento no grau de seu *auto-interesse*. Ou o contrário, com o abaixamento de ambos.

Neste momento, vale a pena tomarmos a obra de Elias *O processo civilizador*<sup>11</sup>, num trecho em que ele mostra como é perceptível essa relação entre estruturas sociais e estruturas de personalidade, desde pelo menos os últimos 500 anos, no Ocidente. Nesta reflexão, o autor mostra que, afinal, a construção acima, envolvendo as instâncias do social e do psíquico no indivíduo, não seria tão nova assim...

Por outro lado, quando deslocamos o foco da relação entre valores e problemas do jovem, fechando-o no campo de problematização moral do trabalho/desemprego, vemos que trabalho/desemprego é apenas a “face visível” de um outro par de termos-chave: democracia/auto-estima. A fala dos jovens deixava clara a necessidade de nos aprofundarmos na conceituação e articulação desses conceitos de democracia e auto-estima – com vistas à possibilidade de uma tal contribuição à educação. Os discursos dos alunos mencionavam, de um lado, problemas como a “falta de ensino público gratuito” e, de outro lado, essas respostas discursivas também exibiam sentimentos do tipo “o jovem se sente desestimulado”, o que, de início, caracterizaríamos como um sentimento de baixa auto-estima, sem ainda tornarmos precisa essa “auto-estima”.

A análise mais detida desses discursos dos alunos sobre auto-estima e sobre essa auto-estima frente ao problema do trabalho, por exemplo, as dificuldades de acesso e sucesso, revelou, ainda, que tipo de “auto-estima” deveria ser considerado.

Há muitas conceituações possíveis para o que se entende por “auto-estima” e a conceituação inicial que tomamos foi na linha da teoria da justiça como equidade, de John Rawls<sup>12</sup>, ou seja, aquilo que Rawls propõe como sendo o bem primário mais importante, a partir do qual o sujeito pode concretizar todos os seus sonhos viáveis.

No entanto, esse autor se estendeu muito pouco além disso, deixando um certo espaço teórico, em termos de aprofundamento conceitual – e um espaço de compromisso político – que foi bem ocupado por teóricos que deslocaram o eixo da questão da auto-estima desde a ênfase psicológica, do respeito a um sentimento, para o aspecto econômico e social.

O *respeito à auto-estima do indivíduo* significa, não propriamente, o respeito a um sentimento abstrato, mas o respeito à cidadania e ao direito ao trabalho que esse indivíduo deve merecer, como garantia de poder viver decentemente em sociedade, produzindo seu bem-

estar e o dos seus familiares. Essa nova interpretação se coaduna melhor com a idéia do auto-interesse sugerida pelas respostas dos jovens pesquisados.

Mesmo dentro propriamente do campo de estudos da moralidade, na linha do próprio Puig, a ênfase à idéia da auto-estima nem sempre está focalizada com o reconhecimento que o trabalho investigativo estava precisando, porque, em sua obra, a auto-estima não é muito destacada. Talvez La Taille tenha, ele próprio, captado melhor a relevância dessa dimensão num estudo da moral, exaltando a fala de Puig sobre *auto-respeito*, como sentimento inerente a qualquer “construção da personalidade moral” pelo indivíduo. É quando La Taille comenta também sobre o que Puig chamou de “representação de si no meio” – uma idéia que lembra o que viemos a chamar de “representação de si-no-mundo”, já apresentado acima.

Quanto ao conceito de democracia, o aprofundamento da discussão sobre o que deve perpassar uma conceituação moderna de sociedade democrática aponta para o direito ao trabalho como um item prioritário. Esses jovens – brasileiros – que responderam ao questionário, se ouvirmos atentamente suas falas, observaremos o abalo não de uma auto-estima puramente “psicológica”, ou de sentimento, mas sim o abalo na confiança de poder vir a promover seu auto-interesse, por meio de um trabalho reconhecido socialmente.

Como nos apoiamos numa matriz teórica estruturalista, não adotamos, de modo algum o ponto de vista tipologista da auto-estima. Propusemos a relação entre estruturas como o si-no-mundo e a representação de si-no-mundo, relação essa de origem basicamente topológica, e não “tipológica”.

Sobre essas estruturas que coexistem em atrito na sociedade, o fato que nos ajuda a compreender a situação de crise moral na sociedade e que pode ser percebida da seguinte forma nesse embate das estruturas: é para o lado do sistema que têm perdido os relacionamentos. Nele, pessoas são mais e mais usadas como instrumento para os objetivos de sucesso de



outras. Ações outrora comunicativas, numa lógica outrora de entendimento das partes, passam a ter motivações de eficiência totalizante, de sucesso a qualquer preço, e se transformam em ações instrumentais dessa outra lógica, a sistêmica. Nas falas dos jovens, vemos que eles atribuem 42,7% aos relacionamentos profissionais que se situam no mundo vivido, contra 57,3% de relacionamentos do sistema – portanto, o sistema ocupando a maioria das relações do indivíduo no trabalho.

Não seria, portanto, estranho pensarmos na correspondência entre o processo social da divisão do trabalho e a própria vigilância do indivíduo sobre si mesmo, ambos também envolvendo aspectos de controle, seja social ou psicológico.

Nesta invasão sistêmica sobre o mundo vivido, uma posição, por exemplo, autoritária dos professores contrasta efetivamente com os relacionamentos do mundo vivido. De fato, relações de autoritarismo preferencialmente adotam a lógica sistêmica da coação, de eficiência

no estabelecimento da supremacia de alguém sobre outrem. Contrariamente, o que relacionamentos voltados para o entendimento favorecem são o espírito de cooperação, a postura mais democrática. Interpretamos, assim, que tal posição autoritária contribui (junto com elementos da subjetividade) para esse “abaixamento do exercício do auto-interesse”.

Parece, pois, sensato pensarmos, que uma educação democrática favorece nos educandos o estímulo permanente para relacionamentos de entendimento, mais do que para o uso instrumental da outra pessoa.

Entendida essa “invasão sistêmica”, anunciada na teoria Habermasiana – aliás, também facilmente constatável na mídia, e identificada nos relatos de nossos jovens –, temos aí o pano de fundo da sociedade desse jovem atual. Fato que nosso trabalho constatou e que se mostra tão importante para a prática da Psicopedagogia institucional mas que, certamente, precisa ser aprofundado em estudos posteriores.

## SUMMARY

### Young people's "field of moral problematization"

This article discusses values and problems of the youth. These values were raised by Brazilian university young students, using J. Puig's theory about the formation of the moral evaluation and, particularly, the "fields of moral evaluation" as the bases of the study (The Construction of Moral Personality, 1996). The article assesses in more detail the relations between unemployment and self-esteem, in accordance to the terms proposed by K. Lewin's Psychology.

**KEY WORDS:** Construction of the moral evaluation. Moral evaluates. Youth.

## REFERÊNCIAS

1. Ceperj. Anais da Jornada "Os jeitos de expressão dos alunos da Barra da Tijuca". Rio de Janeiro: CEPERJ; 1987.
2. Freud, S. Projeto de psicologia. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, [1895-1950], 1996, v.1.
3. Rouanet, SP. A razão nômade. Rio e Janeiro: UFRJ; 1993. p.87-138.
4. Piaget, J. O juízo moral na criança, São Paulo: Summus; 1994.
5. Mamede-Neves, MAC. A construção o juízo moral em grupos de jovens pertencentes a "sociedades emergentes": um estudo na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, relatório de pesquisa CNPq.
6. Bleger, J. Psicologia da conduta. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.
7. Puig, JM. A construção da personalidade moral. São Paulo: Ática, 1998. p.162-163.
8. Habermas, J. The theory of communicative action. Boston: Beacon Press; 1989.
9. Wilmer, C. Desemprego e auto-estima: uma tentativa de entendimento, Rio de Janeiro: PUC-Rio, Tese de Doutorado em Educação; 2003.
10. Lewin, K. Princípios de Psicologia topológica. São Paulo: Cultrix; 1973.
11. Elias, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2v; 1994.
12. Rawls, J. Justiça e democracia, São Paulo: Martins Fontes; 2000.

---

*Trabalho realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.*

---

*Artigo recebido: 13/08/2003  
Aprovado: 12/09/2003*